

1937

CAP. III

299

ASSISTENTES ECLESIASTICOS DA A. C.

A Miséria imerecida

A. VARZIM

A palavra é do Santo Padre Leão XIII. Com olhos de ver, e iluminado pela assistência do divino Espírito Santo, prescutoou a situação da classe trabalhadora e da sua pena de ouro saú a magistral definição: *miséria imerecida*.

Miséria é privação do estritamente necessário à vida, é sofrimento, é angústia, é tantas vezes agonia. E tudo isto ela sofre, não por castigo das suas iniquidades, não por necessidade de purificação de alheios crimes, não por determinação imperiosa da vontade de Deus, mas por malvez humana, por injustiça da sociedade: *miséria imerecida*.

A palavra do Pontífice foi para a humanidade uma verdadeira revelação e passou depressa a citação clássica. A-pesar-disso, quão poucos atingiram ainda tôda a extensão de verdade tão claramente anunciada! Quão poucos quiseram aceitar a plenitude da palavra apostólica!

E contudo aquela revelação está destinada a operar a única frutuosa revolução — a revolução social cristã.

* * *

A miséria que aflige a classe operária, não é apenas, nem sobretudo, uma miséria material. A par dela, com ela, talvez devido a ela, sofrem os operários de misérias mais dolorosas: *a miséria moral, a miséria intelectual, a miséria social*. E, porque tôda esta miséria é imerecida, porque dela não teve culpa, a imensa maioria da humanidade vive em condições contrárias à vontade de Deus que é Justo, que é Santo, que odeia a iniquidade.

Examinemos em particular, cada uma das partes desta miséria imerecida, para compreendermos tôda a sua extensão e profundidade e, assim, poderemos trabalhar pela reparação de tamanho crime social.

I — A iniquidade da miséria material

Por expressa vontade de Deus, o homem por si só nada pode. A sua natureza torna-o dependente, mesmo na ordem natural, do concurso

dos outros homens. Precisamos dele para nascermos, para nos criarmos, para nos educarmos, para nos instruímos, para vivermos. A cada momento, a nossa vida seria impossível, se a não estivesse amparando, além da Providência divina, o esforço do nosso semelhante. O pão que nos alimenta, a roupa que nos resguarda do frio e nos cobre a nudez, o conforto que nos dulcifica a existência, os instrumentos do nosso trabalho, a segurança da nossa pessoa, é tudo isto o resultado da colaboração de muitos milhares de homens em nosso favor. Se repararmos nas mais insignificantes coisas que cercam e cercam a nossa existência e a tornam possível e até agradável, veremos, sem grande esforço, que somos devedores para com todos os nossos irmãos.

Esta dívida só temos uma moeda para a pagar, isto é, dando, em troca à sociedade, todo o esforço de que somos capazes. O exercício da nossa profissão ou vocação não tem outro sentido nem outro fim: pagar à humanidade a dívida que contraímos para com ela nascendo e que vai aumentando dia a dia, à medida que a nossa existência mais longa se torna. É o nosso dever.

Em contrapartida, desde que à sociedade damos o nosso esforço, adquirimos sobre ela o direito de receber tudo o necessário à nossa existência humana e ao cumprimento dos nossos deveres de estado. E, porque a maneira concertada de nos recompensarmos uns aos outros do esforço que cada um faz por todos é o salário ou os proventos, este salário tem de ser suficiente para uma vida humana racionalmente vivida. É o nosso direito.

O trabalho tem, pois, assim como a profissão ou vocação qualquer que ela seja, um duplo fim: primeiro, *social* — isto é, pagar à sociedade os imensos benefícios todos os dias dela recebidos; segundo, *individual*, isto é, adquirir o direito de receber, pelo nosso esforço, tudo o que fôr necessário à consecução do nosso fim temporal e eterno.

Aquêle que exerce uma actividade patronal — não seja senão a de fornecer capital — exerce-a igualmente com este duplo fim: recompensar a sociedade (fim social) e receber, por meio dessa actividade, o necessário à sua conveniente sustentação (fim individual). Podemos, porém, alargar ainda mais o nosso campo de observação e veremos que aquêle que exerce uma actividade patronal recebe uma missão tácita (da sociedade) e expressa (de Deus) para auxiliar os colaboradores da sua obra na consecução do fim individual do trabalho. É, com efeito, das suas mãos que os operários, praticamente não-de receber o salário suficiente à sustentação sua e de sua família.

O patrão que faz da fábrica ou oficina apenas um meio de ganhar mais rapidamente e em mais abundância riquezas dêste mundo comete, fatalmente, uma dupla injustiça: sacrifica ao seu egoísmo: 1.º) o fim social da sua actividade; 2.º) o fim individual do trabalho alheio.

O salário insuficiente é, portanto, uma iniquidade social, uma extorsão, uma burla e um roubo!

É esta, sobretudo, a triste situação de nossos dias. Enquanto as fábricas fazem lucros fabulosos (e o patrão só tem o direito de retirar lucros que lhe cheguem para a conveniente sustentação e de sua família, e para garantir o capital), muitos operários não ganham, já não dizemos o salário fa-

miliar, mas o mínimo necessário para sustentar as suas próprias forças. Quantos, à míngua do salário, morreram de doenças contraídas pela fome ou deixaram morrer, na miséria dos seus tugúrios, os entes mais queridos do seu coração! Enquanto o progresso humano se esforça por criar maravilhas novas para conforto da humanidade, os que as produzem, vêem-se muita vez — e não por culpa própria — privados até de um mísero leito onde descancem o corpo exgotado pela fadiga!

Miséria imerecida, fruto da malvadez humana, com a qual nos não podemos conformar, porque tudo o que é tirado ao trabalho, em proveito do egoísmo do capital, é injustiça e violência.

Nem se alegue, para atenuar o excesso de bens nas mãos dos que manejam o capital, que o trabalho manual é inferior e baixo e que, por isso, pouca recompensa merece. É certo que o trabalho de direcção é mais nobre, mais espinhoso, mais arriscado talvez. Por isso mesmo tem o direito a recompensa maior. Mas o que seria o trabalho de direcção, sem o trabalho manual? «De nada vale o capital sem o trabalho», lê-se na «Rerum Novarum».

Efectivamente, se o trabalho intelectual é nobre e útil, também nobre e útil é o trabalho manual. Enchemo-nos de admiração diante das grandes obras do génio, da perfeição com que se movimentam máquinas fabulosas e engenhos complicadíssimos, e da majestade e beleza de tantos monumentos. Mas nada disto teria existido, se não fôra o trabalho manual! Não há pedra nesses monumentos que nos espantam, não há parafuso nessas máquinas que nos desorientam, nesses arrosos da engenharia, que não tenham passado pelas mãos rudes dos operários, que não condensem em si um pedaço do esforço, do suor, do sofrimento e até da vida do operário. Em cada obra do talento humano, em cada realização do homem, existe o esforço ignorado, o sofrimento esquecido, a vida martirizada do trabalhador é o suor do varredor das ruas, do construtor e reparador dos canos de esgôto, do construtor de habitações ou de agasalhos que nos precavem contra a epidemia, a tuberculose e a doença. Os mais humildes misteres, olhados à luz da verdade cristã, considerados à luz da interdependência social, avultam a nossos olhos, a ponto de se confundirem em dignidade e em proveito social com as mais nobres profissões humanas!

E, a-pesar-disso, o trabalho manual é explorado em benefício do trabalho de direcção na mais iníqua das injustiças sociais, injustiça só comparável à da escravatura!

A justiça exige que o trabalho manual conceda, ao que o exerce, os meios suficientes para organizar uma vida humana plena, conforme à dignidade de cidadão útil à sociedade, conforme à dignidade que lhe foi conferida de filho de Deus. O salário, para ser justo, deve ser bastante para prover às necessidades do operário e da sua família e para amealhar um pequeno pecúlio absolutamente indispensável a todo o homem providente. O salário deve bastar para obter na velhice, não só a independência, mas o conforto merecido, depois de uma vida de trabalho honrado e digno. É um dos aspectos mais revoltantes da miséria imerecida o de um velho, depois de meio século de labor, ter de estender a mão às migalhas da es-

mola, porque lhe recusaram, em proveito do luxo, o bastante para precaver a velhice.

A situação material dos operários é uma verdadeira miséria que urge reparar, não só porque é miséria, mas, sobretudo, porque é imerecida, porque é injusta. Tudo o que devia ser para o operário e não lho dão em salário é extorsão violenta contra a qual, como diz Leão XIII, a justiça protesta.

II — A iniquidade da miséria moral

Porque o exercício duma profissão ou vocação é um dever de justiça social, o trabalho é um acto de justiça e, portanto, de santificação. Aquêlê que trabalha cumpre um dever para com os seus irmãos; mas, se puser no seu trabalho, além do sentimento da justiça, o do amor por êles, o seu esforço corresponde à prática da mais perfeita caridade.

O trabalho, a profissão, é, na vontade de Deus, o meio ordinário de merecer a vida eterna.

Jesus Cristo, que veio ao mundo ensinar ao homem o caminho do céu, passou quasi tôda a Sua vida terrena a trabalhar no humilde officio de carpinteiro.

Porque o trabalho é penoso, unido à Sua Paixão, tem merecimentos ignorados. A banca do trabalho, na vontade de Jesus, deve ser o altar onde nos imolaremos, dia a dia, hora a hora, pela glória do Pai que está nos céus. O local do nosso trabalho deve ser, portanto, na vontade santíssima de Deus, local de santificação.

Os operários têm o direito de conhecer esta Verdade, e de alcançar, pelo seu trabalho, glória imensa no paraíso. É a vontade de Deus.

Que vemos nós, porém? Ser o trabalho causa de ruína para muitas almas. «Da fábrica, diz Pio XI na *Q. Anno*», só a matéria inerte sai ennobrecida; os homens, ao contrário, nela se corrompem e aviltam».

E noutra passagem da mesma encíclica: «são hoje tais as condições da vida económica, que se torna muito difícil a uma grande multidão de homens ganhar o único necessário que é a salvação eterna».

E como a miséria material, também esta é imerecida, também esta não é por culpa própria.

Quem vela pela moralidade dos locais de trabalho? Ninguém! O que interessa é o lucro. Que haja promiscuidades perigosas, que as condições em que se trabalha constituam uma ocasião constante de pecado, não interessa aos que exploram o trabalho. Muito pior do que isso, são muitas vezes aquêles que dão o trabalho quem primeiro, servindo-se da exigüidade do salário e da falta de trabalho, arrasta para a perdição a alma das donzelas. Matam-lhe a fome do corpo, à custa da morte da alma.

O local do trabalho é hoje local de perdição!

O aprendiz aprende mais depressa o vício e a devassidão, do que o nome dos instrumentos com que tem de trabalhar. Fábricas há, onde se começa pelo adultério o trabalho de cada dia! Fábricas há, onde o maior prazer dos mais velhos, e até dos responsáveis, está em violar a inocência das raparigas. Fábricas há, onde as mulheres fazem orgulho de levar ao

pecado os mais novos companheiros de trabalho, oferecendo-lhes, elas próprias, a maçã da tentação.

São freqüentes os escritórios e as fábricas onde se dão ordenados de fome para forçar as raparigas a tornarem-se amantes dos patrões. Fábricas há até, onde a cedência às paixões libidinosas dos patrões ou dos seus filhos é condição da continuação do emprêgo!

O local do trabalho que deveria ser catedral de oração continuada, que deveria ser altar de oblação, que deveria ser meio fácil de santificação está transformado em sucursal e antecâmara do inferno. O operário, que deveria ganhar glória eterna e imarcessível com o esforço de cada dia, que devia, pelo seu trabalho, encher a alma de tesoiros de graça e de luz divina, que deveria encontrar no trabalho a Vida, só encontra a morte, a ruína, a perdição! Cristo-Operário quis ser operário para se dar mais intimamente ao operário. Mas êste não encontra a Cristo no seu trabalho, antes o afasta mais e mais do seu divino Salvador!

Poderá haver miséria maior do que esta? Imensamente mais profunda que a miséria material, a miséria moral do operário deve-nos arrancar do peito lágrimas de sangue! Para a maior parte da humanidade, a Morte de Jesus foi em vão, porque está sepultada na imerecida miséria moral, pela necessidade (oh horror!!) de ganhar o pão de cada dia! O que era destinado à santificação, está convertido, pela nossa negligência, pela nossa falta de fé, pela avidez do lucro, no meio mais certo de perdição. Este estado de coisas é a mais tremenda injustiça praticada contra a infeliz classe operária. Não nos admiremos que ela se queira vingar de não lhe termos dado a Cristo, de lhe termos fechado as portas do céu, de a fazermos pecadora, quando deveria e, tão facilmente, podia ser santa.

A vida económica moderna defrauda o operário do mais rico tesoiro que lhe pertence de direito, porque lhe foi conquistado por Cristo, o primeiro, o maior dos operários: a Vida eterna nos seus corações. Por isso, a vida de trabalho está transformada numa vida de ódio, de revolta e de miséria — essa vida que deveria ser um hino constante de amor, de glória e de feicidade!

Maldição a quem rouba à classe operária o dom de Deus, a vida eterna, Cristo vivendo, amando, trabalhando e cantando no coração do operário!

III — A iniquidade da miséria intelectual

Dotou Deus o homem da faculdade da inteligência, para O conhecer e, conhecendo-O, servi-Lo e amá-Lo. E êsse serviço, e êsse amor, deveria ser aperfeiçoado, aumentado pelo desenvolvimento pleno da inteligência humana.

A inteligência é uma faculdade própria do homem. Só pelo seu pleno desenvolvimento pode êste agradecer a Deus dádiva tão generosa da Bondade infinita. Sepultar o talento numa cova de areia é crime que Deus castiga com as penas eternas.

Desenvolver, portanto, a inteligência é um dever. Se é dever, é direito do homem ter à sua disposição os meios adequados para isso. Aliás a ac-

tividade do homem sobre a terra, o exercício da sua profissão como dever de justiça, supõem, antes de mais nada é sobretudo, a faculdade da inteligência plenamente desabrochada, perfeitamente desenvolvida.

O operário, como outro homem qualquer, tem o direito de saber prescrutar os segredos da natureza, tem o direito de saborear o prazer imenso de pensar e de saber pensar, o prazer incomparável de conhecer as coisas e as belezas da natureza criada, escada maravilhosa para subir à Perfeição incriada.

Contudo, também neste ponto, a malvadez humana priva o operário de poder desenvolver o dom magnífico da sua inteligência. A insuficiência do salário paterno privou-o do estudo das primeiras letras, ou, ao menos, dos benefícios incomparáveis da instrução. Cedo teve de ir para o trabalho, abandonando tudo. E que trabalho, meu Deus! Por vezes embrutecedor, monótono, enervante, trabalho assassino da vitalidade espiritual e até da vitalidade simplesmente intelectual. Riquezas de inteligência vêm-se assim forçadas a permanecer para sempre no seu estado bruto, elas que viriam a ser faróis de luz a iluminar os homens, se houvessem sido exploradas. É, ordinariamente, das classes humildes que saem os grandes homens. Nós temo-los, como prova irrefutável, hoje, no meio de nós, lumináres da Pátria e da Igreja. E quantos outros não enriqueceriam as nossas gerações, se a classe trabalhadora não estivesse acorrentada à miséria intelectual, pelo deplorável estado da economia moderna!

Miséria imerecida também, miséria iníqua e desoladora!

Sepultamos sob o alqueire a luz de milhares de inteligências, luz que deveria brilhar em candelabros de ouro.

A inteligência dos operários é capaz de se desenvolver tão fortemente como a dos filhos dos que têm rios de dinheiro para dissipar nas orgias dos anos de estudo passados sem estudar. Não se desenvolve, porque lhe negamos os meios materiais e morais para isso.

Sociedade maldita a nossa, amarfanhadora da inteligência humana!

É por nossa culpa que o operário é rude, bronco e ignorante. É por nossa culpa que se deixa seduzir de promessas falaces, pois muitas vezes não tem possibilidade de poder discernir com eficácia entre o êrro e a verdade, entre o aparente e o real.

Não nos queixemos, se correrem atrás de miragens tentadoras. Mas, sobretudo, não nos admiremos ao vê-los revoltados contra os intelectuais. Pois se nós lhes negamos os direitos da sua inteligência, como queremos que eles nos reconheçam os da nossa?!

Miséria imerecida! Deus dotou-os gratuitamente dêsse dom sublime e nós, os homens, recusamo-nos a deixá-lo frutificar...

IV — A iniquidade da miséria social

O operário exerce na sociedade uma função utilíssima, indispensável mesmo à sua própria manutenção. Nada do que o esforço humano criou e executou seria possível, se não fôra o trabalho manual. Não há riqueza sem êle. Não há beleza sem êle. Não há paz sem êle. O próprio progresso humano seria irrealizável sem o seu contributo abnegado e persistente.

Mas o operário é desconsiderado, diminuído, insultado e rebaixado no convívio social. Os outros homens desprezam-no, não lhe estendem a mão. A sociedade organiza-se sem o seu concurso, nem êle é chamado para nada na orientação das actividades em que colabora continuamente.

Dir-se-ia que é um eterno menor, um permanente incapaz, a quem se lançam as algemas da interdição. No convívio social não tem entrada. É pôsto à margem, como se fôra um proscrito. E atiram-se-lhe as migalhas dum salário de fome, muita vez — tem-se dado o caso! — no meio de insultos os mais soezes!

E, contudo, todos precisam dêle. E, contudo, êle é a riqueza da nação, a glória da nação. E, contudo, êle é um homem capaz de tôdas as grandes coisas de que um homem é capaz. E, contudo, êle é irmão de Jesus Cristo, êle é Filho de Deus, êle é o herdeiro dum império imortal de glória. E, contudo, o seu coração é ou deve ser o tabernáculo da Santíssima Trindade. Por êle Deus fêz-se homem, e homem igual a êle, operário como êle! Só êle se pode orgulhar de tal glória!

Verdadeiramente a situação social do operariado é miséria imerecida, infama e infame!

O operário é rude, boçal, malcriado? De quem é a culpa senão daqueles que lhe recusam, para não perderem o predomínio social, os meios mais comecinhos indispensáveis à educação? Onde pode êle educar-se? Como e quando? A miséria material, moral e intelectual em que vive sepultado não produzirá fatalmente a insuficiência da educação?

V — Conclusão

Expusemos mais desenvolvidamente a miséria material do operário, porque ela é a causa primeira de tôdas as outras misérias. Tivesse êle meios financeiros, e não lhe faltaria amparo moral mais persistente, desenvolvimento intelectual mais pleno, consideração social mais generosa...

Tratamos depois da miséria moral, porque ela é a mais profunda e a mais contrária aos desígnios sapientíssimos do Salvador. As outras misérias são conseqüências das primeiras, mas nem, por isso, deveriam ficar no olvido, porque, juntas às outras, mostram-nos a contradição que existe entre a sua dolorosa situação e o seu glorioso destino temporal e eterno.

A classe operária, para se elevar ao nível material, moral, intelectual e social a que tem direito, precisa de uma verdadeira redenção, operada por ela própria, com o nosso concurso sacerdotal.

E ela espera êsse concurso com ansiedade inquietante, sobretudo nestes momentos de desorientação e desvairo.

Das profundezas da sua profunda miséria, parece que a ouvimos gritar ao Sacerdote a frase do Salmista: «*de profundis clamavi ad te, domine; domine exaudi vocem meam*».

Não tenhamos receio! A classe operária confia de nós a salvação, desde que veja irmos a ela com amor sincero e fecundo. Abrir-nos-á os braços, na medida em que lhe abrimos o nosso coração verdadeiramente amigo.

E não será ela, realmente, digna de amor, ela que pede o pão da

Justiça e da Verdade e não encontra quem lho dê? «O povo, dizia o Santo Cura d'Ars, pertencerá a quem mais o amar e a quem melhor provas lhe der dêsse amor».

Salvemos a classe operária, organizando-a nas fileiras da Acção Católica, preparando assim um mundo novo, um mundo purificado. Porque êle tem de se purificar. Ou no amor, ou no sangue! Escolhamos.

Animem-nos as nossas ondas de carinho apostólico pelo operário, as palavras do Cardial Pacceli escritas em nome de Sua Santidade ao Cardial Verdier, Arcebispo de Paris: «o mundo amanhã será cristão, na medida em que o fôr a classe operária». E na leitura da encíclica «Divini Redemptoris» vamos buscar o alento, a sciência e o zêlo com que daremos ao resgate da classe operária a fibra mais terna do nosso coração, a exemplo do Coração divino do Mestre. E se queremos buscar razões de nos incendiarmos de amor por êles, recordemos que, antes de chegarem às nossas mãos, passaram pelas dêles, em trabalhos e sofrimentos, o pão e o vinho que todos os dias comungamos e o próprio altar em que se imola o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.



FORUM ABEL VARZIM
DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE

© Todos os direitos
reservados